

Crítica Genética e Tradução

Resenha do livro *Da criação genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade*, de Marie-Helène Paret Passos. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2011.

por Sergio Romanelli/Universidade Federal de Santa Catarina

ASSIM COMO O MANUSCRITO, a tradução, também, é o espaço da transformação e das possibilidades reveladas ou potenciais, guardadas nas gavetas e nos arquivos do autor/tradutor ou retomadas, quem sabe, em uma nova reescrita de sua criação. O manuscrito é o espaço vivo da obra no qual os signos fixados no texto editado estão ainda e felizmente livres, construindo, na oposição e na convergência dos eixos sintagmático e paradigmático da folha, as possibilidades da língua e da criação literária; o espaço da tradução equivale ao espaço do manuscrito, pois por meio da tradução o texto de partida e sua arquitetura são recodificados, desmembrados e reelaborados conferindo a esses signos esquecidos pelo movimento uma nova vida, uma reencarnação criativa que se realiza e toma formas inéditas, mas sempre inacabadas e em aberto.

Comentário

A análise genética desse espaço privilegiado de criação, o manuscrito tradutório, está sendo abordada há alguns anos no Brasil por Marie Hélène Paret Passos em suas pesquisas, sobretudo, na sua pesquisa de doutorado que redundou neste livro publicado há alguns meses pela Editora Horizonte e que apresentamos aqui para o público brasileiro.

A perspectiva deste livro, e da pesquisa que o origina, é absolutamente interdisciplinar e tem como tese central a defesa da necessidade do acesso, por parte dos tradutores, aos manuscritos do autor que traduzem, para se chegar assim àquela leitura realmente exaustiva e íntima da qual decorre a interpretação, não somente da forma, mas, também, do conteúdo, necessária à reescritura no polo de chegada. Destacamos isso, pois é importante delimitar, dessa forma, o âmbito teórico-metodológico do qual a autora parte, não confundindo sua proposta com a de outros pesquisadores do Brasil que trabalham com o estudo do manuscrito tradutório para analisar seu processo de criação. No caso desta pesquisa, o manuscrito se torna, ou deveria se tornar, uma ferramenta indispensável para auxiliar o tradutor na sua tarefa de refazer esse espaço de criação peculiar.

A autora desenvolve sua tese ao longo de 157 páginas, uma abertura e duas partes. Na abertura, ela define sua noção de tradução e a peculiaridade e autonomia criativa do trabalho do tradutor; na primeira parte, intitulada de “Crítica Genética”, apresenta a abordagem genética do manuscrito inédito do conto “Anotações para uma estória de amor” de Caio Fernando Abreu; na segunda parte, “Tradução Literária”, ela ilustra os critérios tradutórios utilizados na sua

tarefa e destaca o surgimento de um terceiro texto. O livro apresenta também em apêndice o texto fixado e sua tradução.

Na abertura, Passos coloca a pergunta de pesquisa que norteia todo trabalho e que revela sua ideia de tradução: “Por que, e de qual maneira, a crítica genética pode ser uma forma de leitura reveladora no processo tradutório de um texto literário?” (p. 15). Fundamentando-se em teóricos como Meschonnic, Berman e Bourjea, a autora tenta responder essa pergunta mostrando de forma eficaz como o processo tradutório é de fato um processo criativo similar, na dinâmica de construção, ao do texto de partida; o texto traduzido é um novo texto autônomo detentor de um discurso pessoal e subjetivo construído a partir de um discurso alheio. Dessa forma, Marie Hélèn Paret Passos vai além do que Bourjea tinha colocado no artigo “Valéry, Tradução e Gênese”, ao falar das possibilidades de aplicação da crítica genética à tradução:

[...] a Genética possibilita, de fato, duas coisas importantes no campo da Tradução: 1) ela pode constituir uma nova tarefa (impossível) quanto à tradução dos manuscritos literários [...] 2) a Genética deve permitir, através de um melhor conhecimento do processo da inventividade literária, um trabalho de leitura/re-escritura mais fino ou mais adequado para o tradutor de poesia. Na verdade creio que a Genética permitirá a tradução poética.¹

1 BOURJEA, S. Valéry, tradução, gênese. In: COSTA, L. A. da (Org.). *Limites da traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 48.

Passos, de fato, nos apresenta uma bela e fundamentada defesa teórico-prática da autonomia do tradutor e de sua autoria enquanto criador de um texto digno e de uma escrita independente do texto de partida, eliminando de uma só vez discursos e estereótipos acerca de fidelidade, equivalência e hierarquia entre texto de partida e texto de chegada que tanto afetaram o discurso teórico sobre tradução e que não mais se sustentam na contemporaneidade.

Uma vez posta sua pergunta de pesquisa e definido o tema de fundo, a defesa da tradução como verdadeiro processo criativo, a autora define seu objeto de pesquisa que é um texto inédito em devir: as três versões do conto de Abreu, o texto fixado e sua tradução. O objetivo é duplo, “De um lado, realizo a análise genética das três versões do conto, e fixo o texto a partir da versão 3, tentando resgatar o processo de construção da estrutura textual, assim como o seu fazer, em outros termos, o efeito que ele produz sobre o leitor.” (p. 15).

É importante destacar que a autora, como se espera de um verdadeiro crítico, não somente domina a teoria e dialoga com conceitos estabelecidos por outros e de domínio público, mas, ao desenvolver seu raciocínio crítico, cunha novos termos para concretizar os paradigmas que elabora, é o caso da noção de terceiro texto que é o prototexto que surge do processo tradutório da terceira versão do conto de Abreu.

Na primeira parte de seu texto, intitulada “Crítica Genética”, a autora nos oferece uma leitura crítica aguda e precisa de algumas noções chave da crítica genética, como manuscrito, dossiê genético, prototexto, rasura

etc.; oferecendo, dessa forma, uma didática da crítica genética para os pesquisadores que se aproximam pela primeira vez desta abordagem de pesquisa e ao mesmo tempo não deixando de esclarecer sua epistemologia, como quando, por exemplo, defende o uso do termo prototexto, opção tradutória para o português brasileiro do francês *avant-texte* (literalmente antetexto) por ser qualitativamente mais eficaz: “Proto, remete ao excelente, ao primordial. Não por ser o primeiro antes de outro, mas por ser o ponto de origem. [...] Ao contrário, ante, é um mero localizador.” (p. 29).

Outro exemplo de neologismo terminológico cunhado pela autora é o de protoenunciado, quando, ao especificar e delimitar o trabalho do geneticista, Passos lembra que o estudo do processo não acontece nos manuscritos em si, enquanto materialidade de uma escrita, mas nas marcas deixadas e perceptíveis da sua enunciação, ou da sua protoenunciação; não se estuda o manuscrito, mas sim o que o manuscrito diz.

Logo em seguida, o livro apresenta uma exaustiva e clara ilustração das etapas de organização, transcrição e análise das três versões do conto de Caio Fernando Abreu e o cotejo dessas versões com o diário, elemento que destacamos como indispensável em muitas pesquisas de natureza genética:

Assim, estudar a gênese do manuscrito é partir do escrito bruto para tentar reconstruir parte do movimento da escritura que o criou. Houve um primeiro movimento de organização, decifração e transcrição da massa manuscrita em que foram numeradas as três versões. Com a descoberta do diário de 1969-1970, passei a cotejá-lo com essas versões. (p. 54).

Deixado isso claro, a pesquisadora destaca o fato de que não pretende, ao reconstituir um texto fixado, se substituir ao autor, mas atuar com editor que tenta organizar essa instabilidade para tornar legível a enunciação dessa criação literária.

Na segunda parte, “Tradução literária”, a autora reflete criticamente sobre essa “prática de uma experiência” e nos mostra como o trabalho por ela enfrentado se insere entre a teoria e a *práxis* tradutórias e como pode se tornar, e de fato se torna, um ponto de partida para modificar estereótipos, noções, mitos e conceitos desgastados da tradutologia. Aqui vemos claramente a contribuição desta pesquisa interdisciplinar e o aporte da crítica genética para os estudos da tradução, nisso reside, a nosso ver, o ponto mais relevante deste trabalho de pesquisa como a própria autora afirma: “Esse trabalho é, também, uma tentativa de desmistificação da carga negativa inerente à atividade tradutória.” (p. 72). E como é que a autora consegue esse feito? Mostrando como é, nessa relação estreita, e diríamos ontológica, entre manuscrito e tradução, como espaço móvel de significados, que reside a chave para entender as peculiaridades de um processo criativo, o do tradutor, que de nada se afasta do processo do autor, pois ambos atuam na terceira dimensão: a do texto em devir.

Através do percurso genético das três versões do conto de Caio F. Abreu e da sucessiva geração de um prototexto tradutório a partir do texto por ela fixado, Passos nos demonstra como ambos os processos, autoral e tradutório, são escriturais, especificando que de escritura se trata também no caso da tradução, pois es-

crita pela primeira vez e de forma criativa e não simplesmente reescrito; conceito este de reescritura que contém a ideia ainda muito difundida do texto traduzido como secundário a um original que não somente o precede, mas o supera numa possível hierarquia que tem como parâmetros uma autoridade e uma originalidade criativa que o outro nunca poderia alcançar: “O que está em jogo, no processo tradutório, não é a passagem do original para o segundo texto, é o resgate do sobejo, do *indizível* de Flaubert, do texto móvel de Willemart, do alto original de Rosa.” (p. 78).

Concluindo, a autora lembra que não se trata, ao empreender essa análise, de destruir o papel do autor ou estabelecer uma nova hierarquia, mas eliminar hierarquias que não cabem ao universo da criação e estabelecer universos paralelos: o do texto fonte e o do texto de chegada, ambos planetas autônomos do universo literário, gerando dessa forma o mesmo tipo de reconhecimento para os seus atores, tanto o autor quanto o tradutor, “um autor que produziu uma obra literária.” (p. 79).

A visibilidade do tradutor, seu reconhecimento como autor de um novo texto literário com uma existência própria e autônoma no sistema literário e no polissistema que o acolhe, somente pode ser entendida desde que se reconheça a prática autoral do tradutor, como criador de novos sentidos a partir de uma escritura existente; algo que o próprio autor do texto fonte também, por sua vez, já tem feito ao passar, do seu universo perceptivo para o papel, sua visão de mundo.

É nesse aspecto que a crítica genética pode contribuir, não somente em relação à literatura, como muito

bem tem feito desde seu surgimento, mas, sobretudo, em relação a âmbitos de estudo e reflexão ainda vítimas de preconceitos epistemológicos e práticos espalhados pelo desconhecimento de uma prática de criação que somente o acesso aos manuscritos e aos prototextos tradutórios pode permitir. Essa é a grande contribuição da crítica genética aos estudos da tradução e esse é o grande mérito deste trabalho que aconselhamos a todos os interessados em tradução e aos pesquisadores brasileiros, sempre mais numerosos, que abordam essa relação entre crítica genética e tradução.

REFERÊNCIAS

- BOURJEA, S. Valéry, tradução, gênese. In: COSTA, L. A. da (Org.). *Limites da traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 48.